

## DESENHANDO A RUA DE CASA COMO EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE UMA PROPOSTA PRÁTICA<sup>1</sup>

Paloma Maria Rodrigues Augusto<sup>2</sup>

**RESUMO** – O artigo objetiva descrever a observação participante que realizei em uma rua da cidade, onde se situava minha residência na ocasião, procurando *desenhá-la* para *vê-la* melhor. Por ser a rua onde eu era domiciliada, correspondia ao local da cidade que eu julgava conhecer melhor, mas, com esta experiência etnográfica, pude produzir um conhecimento mais rico a seu respeito, passando a ver tal rua com o que talvez eu possa chamar de *outros olhos*: ao desenhá-la, de fato enxerguei aquilo que sempre esteve diante dos meus olhos, mas eu não havia *visto*. Ao *vê-la e desenhá-la*, buscando realizar uma reflexão sobre essa experiência, aqui relatada, acabei obtendo uma nova “lente” através da qual pude ver aquela rua em uma perspectiva com a qual nunca a havia visto antes. A partir de tal constatação, este artigo visa, finalmente, ainda oferecer os fundamentos teóricos de uma proposta prática, para professores de Sociologia, de sugerir a discentes o desenho das ruas onde residem como uma experiência em campo através da qual conhecerão melhor não só o logradouro desenhado, mas reflexões sócio-antropológicas sobre sua inserção existencial na cidade em que vivem.

**Palavras-chave:** etnografia, desenho, observação participante

**ABSTRACT** – The article aims to describe the participant observation I carried out on a street in the city, where my residence was located at the time, trying to draw it to see it better. As it was the street where I lived, it corresponded to the part of the city that I thought I knew better, but, with this ethnographic experience, I was able to produce a richer knowledge about it, starting to see the street as what I could perhaps call a other eyes: when drawing it, I actually saw what was always before my eyes, but I hadn't seen it. By seeing and drawing it, seeking to reflect on this experience, reported here, I ended up obtaining a new “lens” through which I could see that street from a perspective with which I had never seen it before. Based on this observation, this article aims, finally, to offer the theoretical foundations of a practical proposal, for Sociology teachers, to suggest to students the design of the streets where they live as an experience in the field through which they will get to know better not only the designed patio, but socio-anthropological reflections on their existential insertion in the city in which they live.

**Keywords:** ethnography, drawing, participant observation

Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, a associada a todas as outras idéias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação — idéias gerais — até a aspiração de

<sup>1</sup> O presente artigo se serviu de reflexões que tive quando cursei a disciplina *Antropologia e Desenho* há mais de dez anos, ministrada na ocasião pela Prof. Karina Kuschnir, a quem devo enorme agradecimento, no IFCS/UFRJ. O presente texto é uma adaptação de monografia que realizei no âmbito deste curso.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestra em Antropologia pelo PPGA/UFF, bacharela e licenciada em Ciências Sociais pelo IFCS/UFRJ com especialização em ensino de Sociologia pelo CESPEB/UFRJ. Professora de Sociologia do Colégio Teresiano – CAP/PUC-Rio.

dinheiro, de alegria e de amor, idéias particulares. Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir para a rua! Ainda não fala e já a assustam: se você for para a rua encontra o bicho! Se você sair apanha palmadas! Qual! Não há nada! É pilhar um portão aberto que o petiz não se lembra mais de bichos nem de pancadas!

Sair só é a única preocupação das crianças até uma certa idade. Depois continuar a sair só. E quando já para nós esse prazer se usou, a rua é a nossa própria existência. Nela se fazem negócios, nela se fala mal do próximo, nela mudam as idéias e as convicções, nela surgem as dores e os desgostos, nela sente o homem a maior emoção.

(João do Rio. *A Rua. A Alma Encantadora das Ruas.*)

## Introdução

A epígrafe acima corresponde a um trecho de um conhecido texto de João do Rio, jornalista do início do século XX, em que este procura “compreender a psicologia *da rua*”, conforme diz, intitulado *A Rua*, que pode ser encontrado em seu conhecido *A Alma Encantadora das Ruas*, livro que reúne textos que o autor havia antes publicado em jornais, até o surgimento do volume, em 1908. Neste texto, em que João do Rio chega a dizer considerar a rua um *ser vivo*, acabei encontrando uma grande e poética descrição sobre as ruas de uma cidade, especialmente algumas da cidade do Rio de Janeiro, e não posso deixar de mencionar algumas imagens da descrição deste cronista no presente artigo, que tem como objetivo descrever a “observação participante” que realizei em uma rua da cidade, em que se situava minha residência na ocasião, procurando *desenhá-la* para *vê-la* melhor.

Por ter sido a rua na qual vivia, se tratava do local da cidade que eu julgava conhecer melhor ao escolhê-la para esta experiência etnográfica. No entanto, conforme aponta Kuschnir (2012), citando palavras do antropólogo Joaquim Pais de Brito, “desenhar é uma forma de conhecer, compreender, se apropriar, narrar, produzir” (KUSCHNIR, 2012: 295), evidenciando que ao desenharmos algo que nos cerca, podemos produzir um conhecimento mais rico a seu respeito. Assim, acreditei que eu poderia conhecer ainda melhor esta rua através do desenho, ao desenhar aquilo que o olhar acostumado àquela paisagem “mais-que familiar”, absolutamente cotidiana, já tivesse naturalizado e, ao “desenhar para ver” – mais uma vez me apoiando em uma citação de Kuschnir sobre expressão de Pais de Brito em catálogo de uma exposição com desenhos de uma artista plástica (*ibidem*) – acredito que passei a ver a referida rua com o que talvez eu possa chamar de *outros olhos*.

Ao desenhá-la, de fato enxerguei aquilo que sempre esteve diante dos meus olhos, mas eu não havia *visto*. Ao *vê-la e desenhá-la*, buscando realizar uma reflexão sobre essa experiência aqui relatada, acabei obtendo uma nova “lente” através da qual pude ver aquela rua

em uma perspectiva com a qual nunca a havia visto antes. Os desenhos, que não compõem o presente artigo, aqui devem ser entendidos como um suporte, pois me serviram como um meio pelo qual passei a conhecer meu objeto melhor, um processo em vez de um fim em si mesmo. Neste sentido, não abordarei competências técnicas do desenhar.

A seguir, portanto, descreverei minha experiência em campo e apresentarei algumas das reflexões que tive ao longo do processo aqui relatado, de buscar desenhar a rua de casa para melhor conhecê-la, oferecendo os fundamentos teóricos de uma proposta prática para professores de Sociologia que desejem sugerir a discentes o desenho das ruas onde residem como uma experiência em campo através da qual conhecerão melhor não só o logradouro desenhado, mas reflexões sócio-antropológicas sobre sua inserção existencial na cidade em que vivem. Antes disso, porém, farei breves considerações sobre o método etnográfico.

### **I. A propósito do método etnográfico**

Antes de me ater, neste artigo, a seu objetivo principal, penso que seja interessante trazer algumas considerações a propósito do método etnográfico, visando apresentar um breve aporte teórico sobre a etnografia e o exercício da observação, para instrumentalizar os leitores à aplicação da proposta em sala de aula, partindo de uma reflexão sobre o estranhamento do familiar do ponto de vista antropológico, apoiada em Clifford Geertz (1989), Roberto DaMatta (1978) e Gilberto Velho (2013), conforme já fiz em trabalho anterior (AUGUSTO, 2015).

Clifford Geertz (1989), em seu *A Interpretação das Culturas*, foi um antropólogo que defendeu que, para compreendermos uma cultura (como uma “teia de significados”), é necessário que se realize sua *descrição densa*. Com isso, Geertz propôs uma antropologia interpretativa, tratando a cultura como um sistema de símbolos, daí sua compreensão devendo se dar por meio da linguagem. Segundo Geertz, “o etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: *ele o anota*. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente” (GEERTZ, 1989: 29).

As reflexões de Geertz nos ajudam a compreender a importância dessa “anotação” do que se observa, seja anotando com palavras ou, no presente caso, desenhando – e o desenho é um texto, ainda que não-verbal – para se descrever densamente, em cadernos de campo, um sistema de símbolos que se busca compreender melhor.

Nesse sentido, podemos encontrar em texto clássico do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1978), *O Ofício de Etnólogo ou como Ter “Anthropological Blues”*, uma outra percepção sobre a etnografia e a observação participante. DaMatta sugere que o antropólogo deve empreender duas tarefas:

(a) transformar o exótico em familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico. Em ambos os casos, é necessária a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los. (DAMATTA, 1978: 28).

Por fim, em *Observando o familiar*, Gilberto Velho (2013) sugere uma relativização da questão da distância apresentada por DaMatta. Assim, segundo Velho, “o que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*” (VELHO, 2013:72 grifos meus). Com essas premissas, Velho (2013) chama a atenção para a relevância dos estudos urbanos, pois segundo o autor, o fato de o antropólogo empreender estudos em sua própria sociedade, não significa necessariamente que esteja lidando com um objeto mais conhecido. Segundo ele,

O fato é que dentro da grande metrópole, seja Nova York, Paris ou Rio de Janeiro, há descontinuidades vigorosas entre o ‘mundo’ do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparável à de viagens a sociedades e regiões ‘exóticas’. (VELHO, 2013: 73)

Gilberto Velho assim insiste na importância de se levar em conta o caráter relativo da noção de familiar e exótico, principalmente quando empreendemos estudos em nossa própria sociedade. Ao lado das demais percepções sobre como realizar uma etnografia a partir da *observação participante*, podemos passar a refletir sobre o recurso aos desenhos no método etnográfico.

## II. Comentários sobre a rua desenhada

Com base nas reflexões teóricas sobre etnografia apresentadas acima, durante o período de algumas semanas, pude ficar algumas vezes sentada nos bancos do lado de fora de uma lanchonete na esquina da rua de minha casa, onde existe um cruzamento, chegando a desenhar uma espécie de mapa do trecho que vai deste cruzamento até o meio da quadra diante da lanchonete, delimitando o espaço dentro do qual buscava desenhar a rua, em que, de um lado, fica o número 51, com suas lojas comerciais e, do outro lado da rua, um parque infantil. Assim, os bancos da lanchonete serviram apenas para que eu conseguisse literalmente um determinado

*ponto de vista* para desenhar aspectos da rua por um certo ângulo, desenhando dali este cruzamento e a fachada de esquina deste parque, na quadra oposta à do número 51.

Exatamente no número 51, existem lojas<sup>3</sup> cujos proprietários dispõem capachos diante de suas portas e bancos pela calçada da rua, acompanhando o limite de “divisórias” feitas na calçada com “linhas” de pedras portuguesas pretas separando quadrados brancos que correspondem à metragem da frente de cada uma dessas lojas. Esses proprietários pagam ainda um valor diário a um segurança, que fica em um dos bancos disponíveis na rua ou em pé entre cada uma delas, para coibir a estadia de pessoas em situação de rua em um desses bancos ou mesmo sua entrada em uma dessas lojas. Embora um pouco mais à frente da entrada do número 51 exista também um ponto de ônibus, esta área não corresponde ao trecho de atuação deste segurança, reduzida às frentes das lojas e não a toda a frente do edifício.

Ainda na referida rua, na quadra diante daquela em que fica o número 51, como disse, fica um parque infantil, com castelos e cogumelos em alvenaria, gangorras, balanços e escorregas para as crianças, além de inúmeras árvores, dentro de área pertencente à CEDAE, Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro, existente naquela rua, mas estando o parque sob administração da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Um desses castelos, visto quase que de dentro da *livraria* que é uma das lojas do número 51, foi desenhado por mim dentro das grades do parque, em trecho da rua. A livraria foi outro ponto que busquei desenhar na ocasião.

Por fim, as árvores da rua me surpreenderam bastante, por nunca tê-las visto como pude vê-las ao procurar desenhar trechos da rua. Uma dessas árvores, com suas especificidades, foi desenhada por mim representando as árvores “como pessoas” presentes nesta rua.

Dessa maneira, de diversos “pontos de vista” e dando enfoque a diferentes trechos daquela rua onde ficava minha casa, procurei desenhá-la e acabei alcançando as reflexões que seguem. Conheci um pouco melhor a alma daquela rua, que nunca havia imaginado existir, passei a atribuir novo sentido para as árvores presentes na rua e para esta própria rua em si e alcancei uma reflexão sobre a importância estar em se conhecer o que se desenha, mais do que

---

<sup>3</sup> As lojas são, respectivamente, desde a esquina, (i) uma loja de consertos de aparelhos eletrônicos, com entrada apenas pela rua com que faz esquina, (ii) um salão de beleza unissex já inteiramente na rua de minha casa, (iii) uma pequena lanchonete, (iv) uma livraria de livros usados, ou seja, um chamado *sebo*, (v) um salão de beleza masculino, (vi) um consultório veterinário e, ao lado, antes da entrada para o edifício residencial do nº 51, (vii) uma loja de produtos para animais domésticos, ou seja, um chamado *pet shop*. Um pouco depois da entrada do edifício, fica um ponto de ônibus, ao lado do qual todos os dias um vendedor de doces instala ali seu carrinho, atendendo aos moradores e comerciantes da rua.

no desenho que se produz sobre o que se procura desenhar. Nisso tudo, ainda passei a conhecer a mim mesma de outra forma. Assim, consegui não só partir a campo para desenhar a rua de casa tratando o “mais-que-familiar” como exótico, mas também posso imaginar o quanto tantas ruas que hoje eu considere “exóticas” devem guardar em si a familiaridade “míope”, que não permite ver melhor, que eu tinha junto à rua de minha casa, por parte de quem as considerem muito familiares.

### III. A *alma* da rua de casa: partindo de uma reflexão de João do Rio

Após relatar a experiência que tive em campo, apresentarei as reflexões que tive ao longo desse processo relatado, preciso dizer – de saída – que as reflexões de João do Rio (1987) em *A Rua*, primeiro texto de seu *A Alma Encantadora das Ruas*, lido ao longo dessa experiência etnográfica, que me levou a compreender um pouco da *alma* daquela rua, de que acredito ter captado algum aspecto nas tardes e noites que passei lhe desenhando.

Quando João do Rio escreve que “a rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo” (RIO, 1987: 4) por haver “suor humano na argamassa do seu calçamento”, por cada casa ali erguida ter sido “feita do esforço exaustivo” de pedreiros e canteiros cobertos de suor, vai evidenciando o quanto *humanas* podem ser as ruas, daí que, sobre as ruas, afirma

Algumas dão para malandras, outras para austeras; umas são pretensiosas, outras riem aos transeuntes e o destino as conduz como conduz o homem, misteriosamente, fazendo-as nascer sob uma boa estrela ou sob um signo mau, dando-lhes glórias e sofrimentos, matando-as ao cabo de um certo tempo. Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, *spleenéticas*, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (...) Há entretanto outras ruas, que nascem íntimas, familiares, incapazes de dar um passo sem que todas as vizinhas não saibam. (RIO, 1987: 7-9)

Por isso, para João do Rio, “se as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm idéias, filosofia e religião.” (RIO, 1987: 10). A todo tempo, ali na rua a desenhando, essa imagem vinha à minha mente, e buscava desenhá-la buscando *compreendê-la* melhor, ao *vê-la* melhor. E ao desenhá-la, pensava ainda na reflexão de Gilberto Velho (1994) em *Individualismo e Cultura*, no qual o antropólogo brasileiro abordou em um de seus capítulos a questão já tratada por Da Matta sobre a trajetória antropológica que transforma o exótico em familiar e o familiar em exótico. Fui assim tentando tratar o que pensava poder chamar de “mais-que-familiar” como se fosse exótico.

Se a rua da minha casa tinha uma alma, também possuiria uma fisionomia, dada *pelo que e por quem* nela se encontrava. Ao tratá-la como se fosse exótica, pude notar essa fisionomia como não havia ainda notado antes. A maior *descoberta* que tive, nesse sentido, foi, portanto, *o que e quem* nela havia, muito *do que* ou *dos quais* não havia antes notado com maior atenção, como se ali não estivessem<sup>4</sup>.

Os tipos populares que só o são em determinados quarteirões, conforme aponta João do Rio, também existem naquela rua, igualmente no quarteirão em que me fixei para elaboração do trabalho, como um pipoqueiro em frente ao *parque infantil*, que eu via desde minha infância e nunca tinha identificado como agora identifico (como *pertencente* à rua e *parte* de sua *alma*), o vendedor de doces de perto do ponto de ônibus diante do prédio de número 51 da rua ou até mesmo o segurança das lojas existentes na extensão do trecho da quadra desta rua em que se encontra este prédio, também diante do parque.

Ainda buscando a fisionomia da rua, é importante destacar o quanto notei pela primeira vez suas calçadas, sobre as quais João do Rio diz apresentarem resistência a novos transeuntes. Talvez por já não ser uma transeunte nova por ali, mas que agora buscava colocar-me no papel de uma “nova transeunte”, ao tratar aquela rua tão familiar como se fosse exótica, acho que as calçadas apresentaram um pouco de resistência a mim também, o que me fez melhor observá-las.

E de repente, como relatarei ao fim deste artigo, eu mesma já me via com *outros olhos*. A minha relação com aquela rua, ao procurar vê-la melhor, fez com que acabasse enxergando a mim mesma de outra maneira, como hoje concluo. Este processo talvez encontre em versos do compositor popular capixaba Sérgio Sampaio uma boa descrição quando, na letra de uma de suas canções, *Homem de trinta*, diz

“Hoje com os olhos mais claros/ Olhando as coisas como as coisas são/ Eu me desenho, amor, como se pinta/ Um quadro novo com o brilho e a cor.” (Sérgio Sampaio. *Homem de trinta*.)

“Oh! sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos” diz João do Rio. Eu pude perceber exatamente isto, de alguma maneira. O cronista descreve ter conhecido um barão a quem a necessidade havia forçado a aceitar mudar-se de bairro, passando a estar sob “desconfiança assustada” da nova vizinhança, motivo pelo qual, sempre que pudesse, tomava o bonde para o bairro de Botafogo, “acendia um charuto, e ia por ali altivo, airoso (...). Estava no seu bairro.

<sup>4</sup> O maior exemplo disso foi a importância que percebi terem as próprias árvores desta rua, sobre o que tratarei abaixo, na seção a seguir.

Até parece, dizia ele, que as pedras me conhecem!” (RIO, 1987: 13). Passei a perceber o quanto, sobretudo, me sentia bem naquela rua, sentimento do qual agora buscava me distanciar, para tratá-la como algo exótico, ou *alguém*, já que “as ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira seus habitantes.” (ibidem)

#### IV. As árvores da rua de casa ou “o que vi e não o que imaginei”

Como apontei acima, a rua onde ficava minha casa, ao passo que tentei desenhá-la, acabou se mostrando a mim com uma fisionomia que eu não conhecia. Nesse sentido, (re)ver suas árvores, passar a *vê-las* efetivamente, foi algo da maior importância.

Teresa Carneiro (2011) em *Desenhar o olhar sobre o mundo* traz uma citação de John Berger, também destacada por Kuschnir (2012), que acabou me surpreendendo muito na execução desta experiência etnográfica, quando desta citação tão referida me lembrei constantemente:

Desenhar é olhar, examinando a estrutura das aparências. O desenho de uma árvore mostra não uma árvore, mas uma árvore-a-ser-olhada. Enquanto a imagem de uma árvore é registrada quase que de forma instantânea, examinar um olhar sobre uma árvore (uma-árvore-a-ser-olhada) não só leva minutos ou horas em vez de uma fração de segundos, mas também envolve, deriva de, e refere-se a diversas experiências passadas do olhar. Contido no instante de um olhar sobre uma árvore é estabelecida uma experiência-de-vida. Esta é a forma como o acto de desenhar recusa o processo de desaparecimento e propõe uma simultaneidade de múltiplos momentos. (BERGER apud CARNEIRO, 2011)

A rua em questão é uma rua repleta de árvores e foi muito curioso *passar a perceber* o quanto as árvores são diferentes umas das outras, assim como as pessoas, tendo sua própria história, nenhuma sendo igual à outra. Até aquelas que são da mesma espécie, vão crescendo e tomando sua forma própria. Por isso, as árvores se tornaram uma das coisas que mais me surpreenderam quando passei a observá-las ali na rua.

Apesar de a canção *As Árvores* dos compositores populares Arnaldo Antunes e Jorge Ben dizer que “as árvores são fáceis de achar/ ficam plantadas no chão/ mamam do sol pelas folhas/ e pela terra/ também bebem água/ cantam no vento/ e recebem a chuva de galhos abertos”, pude perceber como as árvores *NÃO* são fáceis de achar, quando passei a tentar desenhar as árvores daquela rua, identificando elas mesmas como “tipos populares” desta rua, notando o quanto antes não as notava da mesma maneira. Por isso, a continuação desta mesma canção referida passou a ter um significado especial: as árvores são “como as pessoas”:

Há as que dão frutas/ E as que dão frutos/ As de copa larga/ E as que habitam esquilos/  
As que chovem depois da chuva/ As cabeludas, as mais jovens mudas/ As árvores

ficam paradas/ Uma a uma enfileiradas/ Na alameda/ Crescem pra cima *como as pessoas/ Mas nunca se deitam/ O céu aceitam/ Crescem como as pessoas/ Mas não são soltas no espaço/ São maiores, mas/ Ocupam menos espaço.* (Jorge Bem & Arnaldo Antunes. *As Árvores*. O itálico é meu.)

Dessa forma, percebi que meu olhar estava abandonando uma forma de olhar mais, digamos, objetiva e já decodificada pelo conhecimento prévio do mundo, substituída por um olhar observador da coisa em si, um *olhar descobridor*. Vivendo assim, como diz Carneiro (2011), a “recusa do instantâneo, pois esta recusa aponta para uma resistência à aparência e ao reconhecimento mais imediato das coisas através da projeção das nossas memórias, conhecimentos e experiências prévias do mundo.” Para a autora,

Esta resistência ao ‘nomeado’ e ao conhecido a um regime discursivo de classificação de ‘coisas como coisas’ põe em causa um certo regime de reconhecimento da configuração das coisas que potencia desta forma uma abertura para uma reconfiguração do sensível. Por outras palavras, esta resistência é indicadora de uma abertura ou ‘predisposição’ para uma espécie de investigação que, sendo mais ou menos assumida, opera como auto-examinação do próprio olhar e das diversas possibilidades ou maneiras de olhar para qualquer coisa, e estabelece uma certa relação de ambigüidade e distanciamento que permite àquele que desenha (re)examinar ou olhar qualquer coisa pela primeira vez. (CARNEIRO, 2011)

Um pouco antes de viver tal experiência, é importante ressaltar que havia tido outra experiência que me possibilitara passar a estabelecer uma nova relação com o desenho e com a imagem, ao *aprender a desenhar* com o auxílio de uma prancheta de acrílico, a colocando diante do objeto a ser desenhando e traçando sua silhueta sobre a prancheta com um tipo de *pincel atômico*, transferindo o desenho depois para o papel, com uso de álcool, ao modo de um “mimeógrafo”.

Foi ao realizar este exercício descrito, durante uma oficina do curso *Antropologia e Desenho* ministrado pela professora Karina Kuschnir no IFCS/UFRJ, que me senti como se o paradigma que eu carregava sobre o que seria o desenhar houvesse sido quebrado: deveríamos, os alunos do curso, desenhar uma cadeira que estava à nossa frente nessa prancheta transparente, assim, com uma linha após a outra sendo delineada naquele material, e fomos desenhando o objeto, procurando não pensar em reproduzir a imagem de cadeira que tivéssemos em nossa mente, mas o que estávamos *vendo*.

Depois dessa atividade, consegui compreender e desconstruir minhas concepções anteriores sobre o que seria *a imagem* das coisas. Antes, acreditava que *desenhar* se tratava de reproduzir no papel a idéia que tinha em minha mente do que era a coisa a ser desenhada. Só então, quando percebi que aquilo que eu desenhava na rua de minha casa, eram suas árvores e

não uma ideia de árvore, pude perceber as árvores existentes nesta rua em toda sua especificidade, o quanto são constitutivas da *alma* desta rua, o quanto “interagem” simbolicamente com seus transeuntes e moradores, o quanto são de fato importantes e significativas para que eu possa *ver* melhor a rua que julgava antes conhecer tão bem, o quanto não a conhecia tanto quanto passava a conhecer agora, por, ao desenhá-la, notar bem as suas árvores, como as estava vendo e não como poderia imaginá-las antes.

### V. Um novo sentido para a rua de casa

A cidade pode deixar de servir apenas para o acesso a um destino: claro, a cidade é o lugar em que moramos, embora diferente da nossa casa – ali, sim, o lugar que sentimos ser nosso e o lugar que sentimos conhecer “verdadeiramente”.

Entretanto, se o meu marido ou meu filho pendurarem um quadro novo na parede de nossa casa, é claro que vou perceber, quando o mesmo não acontece com a cidade e eu posso passar anos pela mesma rua, pelas ruas históricas, e não conhecer seus monumentos, ou nunca ter percebido que, na rua de casa, suas lojas cobrem pequena parte da calçada com tapetinhos (ao modo de “capachos”), ou que correspondem as “divisórias” feitas na calçada – em linhas de pedrinhas portuguesas pretas separando quadrados brancos – à metragem da frente de cada uma de suas lojas...

A rua pode deixar de ser apenas um lugar de passagem, se tornando um lugar que se busca conhecer, para além de uma etnografia sendo realizada ali. A essa *nova forma* de olhar o mundo acredito ter alcançado, com a cidade para mim tendo deixado de ser apenas o caminho que me conduz a algum lugar para que eu possa realizar alguma coisa, mas me interessando por si, sendo este caminho propriamente objeto de meu interesse.

Esse novo sentido para as ruas da cidade foi completamente encontrado por mim com esta experiência etnográfica, durante as horas em que estive desenhando esta rua. Por isso, *desenhar* a cidade é uma forma de *estar* na cidade, *vivê-la*, *conhecê-la* e *senti-la* como sendo a nossa própria “casa”, como na experiência de Danny Gregory, citada por Kuschmir (2012):

(...) Danny Gregory. Este novaiorquino é autor de pelo menos três livros centrais para o mundo dos desenhos em cadernos e para a sua interface *online*. Tudo começa em 2003, com a publicação do livro *Everyday matters: a memoir*, uma autobiografia feita de textos e desenhos, definida em sua contracapa como uma “*graphic memoir*”. Gregory narra ali a história do acidente que deixou paraplégica a sua esposa Patty e de como o casal seguiu a vida criando o filho Jack, na época do acidente um bebê de apenas dez meses. (KUSCHNIR, 2012: 297)

Kuschnir (2012) ainda se refere ao “*sentido da história*” de Gregory partindo do que diz o texto da contracapa de seu livro, que aponta que, depois de ter havido o acidente, o autor “decidiu ensinar a si próprio a desenhar, e o que ele aprendeu foi espantoso. De repente, as coisas tinham cor e valor novamente. O resultado é *Everyday matters*, um diário de suas descobertas, recuperação e cotidiano na cidade de Nova York.” (KUSCHNIR, 2012: 297).

E, se desenhar as pedrinhas portuguesas da rua de minha casa deu trabalho, já posso pensar nos calceteiros que ali estiveram as colocando e deixando seu suor naquela argamassa, me remetendo ao que escreveu João do Rio em *A Rua*, passando a encarar este “trecho” da cidade como algo cujos detalhes merecem a mesma atenção que os detalhes de minha própria casa, ainda que eu não tenha passado por nenhuma situação mais angustiante que tenha me levado a ver a cidade de outra maneira.

Com este trabalho, a rua de minha casa, para mim, portanto, adquiriu um *novo sentido*.

#### **VI. Partindo da rua e desenhando qualquer coisa: o que importa é *conhecer!***

Kuschnir (2012), tratando de trecho da obra de Danny Gregory, em que o mesmo diz que em certa noite decidiu ensinar a si mesmo a desenhar, demonstra o quanto esse trecho reúne “os ingredientes de um ritual de transformação, onde o herói supera obstáculos e descobre um mundo novo.” (KUSCHNIR, 2012: 297). Gregory dizia ainda não importar *o que* desenhasse, mas *que* desenhasse, a partir de um “lento, cuidadoso e contemplativo olhar” (*ibidem*) que o levasse a valorizar objetos por mais simples que fossem, estando em cumplicidade com eles e, assim, de acordo com citação de Gregory referida por Kuschnir acerca de pensamento de Saul Steinberg, o desenho de observação acaba obrigando quem está desenhando a encontrar respostas para perguntas ainda não elaboradas (KUSCHNIR, 2012: 297).

Ora, e o que é a cidade senão desenhos, imagem projetada? *Tudo é desenho*: as roupas, o carro (que existe antes *no* desenho, no seu projeto), algumas partes da cidade cuidadosamente projetadas ou imagens se formando como resultado de sobreposições.

Assim, encontrei na rua de casa desenhos a serem (re)desenhados, cúmplice de meus objetos, buscando respostas para perguntas que nem eu mesma conhecia. E de repente fui percebendo que o desejo que me levara até ali, até o processo de desenhar aquela rua, estava vinculado a um possível desejo de me remeter à minha própria infância, de fazer uma ponte com a minha memória.

Logo, já não importava tanto *o que eu escolhia desenhar*, mas *o que eu estava conhecendo ao desenhar* aquilo que estivesse desenhando nessa rua e, por isso, ainda que possa parecer arbitrária a escolha por este ou aquele objeto para desenhá-lo, busquei em cada desenho, conhecer melhor um aspecto daquela rua que antes havia me passado um pouco despercebido. Essa compreensão que cheguei do próprio trabalho que ali realizava me lembrou Manuel João Ramos (2010) que, em *Histórias Etíopes*, diz que

Ao desenhar, obrigo-me a olhar com mais atenção, a perscrutar formas, cores e acontecimentos, e assim que os fixo na minha memória. (...) Desenhar não é, por isso, apenas um passatempo e um exercício de disciplina da memória visual: é também um meio de comunicação entre mim e os mundos por onde viajo, que me permite por vezes escapar ao clichê da alteridade — isto é, humanizo-me um pouco, não fundindo-me ou confundindo-me com um mundo social a que sou estranho, mas tornando-me aí o exótico do exótico. (RAMOS, 2010: 10)

Este trecho acima ainda era lembrado por mim ao sentir um certo constrangimento quando, ao tentar desenhar aspectos da rua ali situada, o segurança do comércio da rua olhava para mim com total, digamos, *estranhamento*. Em algum sentido, como Ramos (2010) também não penso que este trabalho que realizei foi propriamente etnográfico em um sentido bem especial do termo:

Só numa acepção muito genérica se poderá falar dos desenhos deste livro como sendo ‘ilustrações etnográficas’ propriamente ditas. Eles não tem como função ilustrar nenhuma passagem escrita em concreto. São, antes, ilustrações das limitações (pessoais e culturais) do meu olhar e testemunhos do meu fascínio visual perante um mundo intensamente diverso. Sendo reproduções de paginas seleccionadas de um diário gráfico, contém um pouco de varias coisas: traços de narração, informações heteróclitas, breves notas descritivas ou reflexivas. (RAMOS, 2010: 13)

E cabe ainda a reflexão de *Olhar os objetos* de Joaquim Paes de Brito, em que este autor diz que

Mas, pelo simples fato de já se encontrarem no museu, os objetos, sempre instáveis, são exilados desses mesmos contextos e, no seu exílio, abrem-se para novos campos de significação. Os objetos existem perante os olhos que os olham e cada olhar tem sua própria história, feita de construção intelectual, experiência e sensibilidade e do próprio devaneio em que procura os seus limites (BRITO, s/d: 2)

### **Conclusão: uma proposta prática para professores de Sociologia**

Não sei se com esta experiência etnográfica aprendi a desenhar um pouco melhor. Mas de fato isso não importa: o que importa é que eu aprendi que *posso desenhar* e desse ato de desenhar eu posso ganhar um *novo olhar*, um *olhar mais observador*, um *olhar que produz*

*algum conhecimento sobre o que vê*, uma nova relação com a cidade, uma nova maneira de ser e estar no mundo.

E esta é a proposta prática cujos fundamentos teóricos aqui se encontram, para professores de Sociologia: que possam sugerir a estudantes em alguma atividade ou trabalho ao longo de algum dos bimestres/trimestres/semestres letivos o desenho das ruas onde residam, como uma experiência em campo através da qual conhecerão melhor não só o logradouro desenhado, mas reflexões sócio-antropológicas sobre sua inserção existencial na cidade em que vivem. Na chave proposta por Schweig & Gontijo (2022):

(...) Temos lançado mão de discussões acerca da materialidade e do caráter agenciador dos métodos e técnicas de pesquisa (LAW; RUPPERT, 2013), que permitem compreender a etnografia enquanto um dispositivo não apenas descritor da realidade, mas também organizador e criador de relações. (SCHWEIG & GONTIJO, 2023: 168)

Acredito que a mesma compreensão distinta que passei a ter da minha relação com aquela rua e com as demais ruas da cidade, além das reflexões que passei a ter sobre mim mesma em relação a esses espaços urbanos, possam inspirar docentes da disciplina que eu também leciono a buscar elaborar atividades para proporcionar experiências semelhantes a discentes, que poderão alcançar *novo sentido* para as ruas de sua casa e para sua relação com a cidade em que vivem.

### Referências bibliográficas

AUGUSTO, Paloma Maria Rodrigues. *As Festas da Casa de Macau do Rio de Janeiro*. Lisboa: Instituto Internacional de Macau, 2015.

BRITO, Joaquim Pais de. *Olhar os objectos*. s/d. (mimeo)

CARNEIRO, Teresa. Desenhar o Olhar sobre o Mundo. In: SALAVISA, Eduardo (coord.) *Diários de Viagem: desenhos do quotidiano: 35 autores contemporâneos*. Lisboa: Quimera, 2008.

DAMATTA, Roberto. *O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues"*. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando Cidades. *Sociologia & Antropologia*. V. 02.04: 295-314, 2012.

RAMOS, Manuel João. *Histórias Etiópes*. Lisboa: Tinta da China, 2010.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1987.

SCHWEIG, Grazielle & GONTIJO, Maria Tereza. Ateliê de Ciências Sociais e Ensino: Antropologia, experimentação e formação docente. In: TARGINO, G. & ARAÚJO, M. GD 07 - ANTROPOLOGIA NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTEÚDOS, METODOLOGIAS E RECURSOS DIDÁTICOS. *Congresso Nacional Da ABECS*, 5 (1), 166–178, 2023.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. *Um Antropólogo na Cidade – Ensaios de Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.